



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Medeiros de Almeida, Arthur José; Filgueira de Almeida Suassuna, Dulce Maria
Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas
Movimento, vol. 16, núm. 4, outubro-diciembre, 2010, pp. 53-71
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316963004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas

*Arthur José Medeiros de Almeida**

*Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna ***

Resumo: O trabalho apresenta uma análise do significado das práticas corporais com base nos jogos dos povos indígenas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando-se de observação direta e entrevistas durante a IX edição (Recife/PE - 2007). A discussão contempla autores dos campos das Ciências Sociais e da Educação Física. Os resultados apontam que: (a) as práticas corporais indígenas (jogos, danças, brincadeiras) são redimensionadas no contexto dos jogos, tendo como implicações sua ressignificação com base na hibridação entre valores tradicionais e modernos; (b) os jogos dos povos indígenas acabam por expressar o "jogo disjuntivo" ao invés do "jogo ritualizado".

Palavras-chave: População indígena. Antropologia cultural. Jogos e brinquedos.

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais têm-se constituído ao longo da tradição científica em objeto de preocupação de distintos campos disciplinares, dentre estes se destacam, particularmente, as Ciências Sociais e a Educação Física. Contribuindo com a discussão em tela, pretende-se construir uma análise das práticas corporais tomando-se como recorte os Jogos dos Povos Indígenas. As práticas corporais apresentadas durante este evento constituem um conjunto de manifestações da cultura corporal de movimento de cada etnia indígena, portanto, possuem sentidos e significados próprios dentro das diversas culturas indígenas.

* Doutorando em Sociologia - Universidade de Brasília. Mestre em Educação Física. Universidade de Brasília. Bolsista Capes/REUNI. Brasília, DF, Brasil. E-mail: arthurjma@ig.com.br

** Pós-doutorado em Sociologia pela Universidad de Salamanca. Doutora em Sociologia - Universidade de Brasília. Professora da Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil. E-mail: dulce@unb.br

Nesta direção, o objetivo do presente trabalho compreende a possibilidade de construção de uma análise sobre os sentidos e significados das práticas corporais indígenas inseridas no contexto dos IX Jogos dos Povos Indígenas. Para tanto, faz-se uso do cruzamento deste conjunto de manifestações corporais tradicionais com elementos que caracterizam a cultura corporal do movimento em sua acepção moderna, particularmente, o esporte. Tem-se como pressuposto a existência da resignificação das práticas corporais indígenas à medida que o sentido/significado moderno de competição atrelado à sobrepujança - aspecto que caracteriza o esporte em sua dimensão de alto rendimento - se faz presente.

Neste íterim, entende-se que a interação interétnica promovida pelo encontro intercultural em questão fomenta relações nas quais os símbolos são criados, interpretados, compartilhados e alterados, em função de determinados interesses. Os sentidos apresentados pelos objetos simbolizados têm fundamental importância para a compreensão do comportamento indígena e, por conseguinte, de suas sociedades. Estas, por seu turno, são compostas por "estruturas estruturantes" (BOURDIEU, 2008, p. 164) que, em certa medida, influenciam a consciência do homem e, em assim sendo, a elaboração dos sentidos.

O quadro teórico utilizado para lograr o estudo está delineado por autores como Lévi-Strauss (1970), Viveiros de Castro (1987) e Cardoso de Oliveira (1998), que, por meio de suas interpretações, permitem a aproximação com as sociedades indígenas, bem como, Mauss (2004), Le Breton (2006), Bourdieu (1990, 2008) e Geertz (1989), que possibilitam a compreensão das práticas corporais como manifestações que expressam sentidos e significados na construção da cultura corporal destes povos, entre outros. Ressalta-se que o diálogo proposto com estes autores permite que a discussão ultrapasse as dimensões delimitadoras dos campos de conhecimento e signifique a interpenetração das perspectivas socioantropológica e da Educação Física.

2 ASPECTOS METÓDICOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: O OBJETO EM CONSTRUÇÃO

Para compreender as práticas corporais tradicionais dos povos indígenas inseridas no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas, foi realizada uma pesquisa interdisciplinar, com abordagem qualitativa. A pesquisa de campo foi levada a efeito em Recife/PE e Olinda/PE, no período de 23 de novembro a 1º de dezembro de 2007, momento em que a vivência em um cenário intercultural possibilitou a elaboração de costuras para o entendimento do objeto do estudo. Por meio do contato com o sujeito investigado - momento em que o pesquisador inscreve o discurso social, transformando o evento de "acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente" (GEERTZ, 1989, p. 29) - foi possível a construção de um exercício interpretativo.

A interpretação se fez presente em momentos distintos da pesquisa. A primeira foi realizada no momento da descrição do fenômeno social; uma descrição densa, interpretativa. Outras interpretações foram feitas sobre esta primeira; interpretações da descrição. As técnicas utilizadas para lograr tal descrição foram as seguintes: observação participante; entrevistas com roteiros pré-estruturados; registros fotográficos, de áudio e de vídeo, além de anotações em diário de campo referentes às práticas corporais, ao cotidiano do evento e às redes de relações estabelecidas. Essa concepção propiciou que a análise das práticas corporais fosse dimensionada no contexto de uma teia de significados, ampliando a margem de reflexão.

Com efeito, compreendem-se os participantes dos jogos dos povos indígenas como sujeitos sociais que estão imersos em uma dinâmica cultural da qual faz parte um conjunto de representações. Portanto, as ações dos indivíduos devem ser analisadas conforme arranjos em que as representações sociais e simbólicas estão presentes. Por outro lado, as práticas corporais, por serem expressões ou derivações de valores coletivos, possuem uma lógica estrutural

que orienta seu funcionamento produzindo comportamentos, aos quais cabe ao cientista social interpretar.

Cardoso de Oliveira (1998), em relação à interpretação científica, enfatiza a necessidade de transformar o sentido em significado por meio de três atos cognitivos ou etapas que compõem a produção do conhecimento. O olhar, o ouvir e o escrever são atitudes fundamentais para que se possa concretizar o desafio de encontrar uma coerência no sistema de símbolos observados. Essas etapas apresentam "responsabilidades intelectuais específicas, formando, pela dinâmica de sua interação, uma unidade irreduzível" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 12) que permitem ao pesquisador construir o saber científico. O olhar e o ouvir constituem a percepção do sujeito da pesquisa, elaborada à luz dos conhecimentos das Ciências Sociais. Já o ato da escrita possibilita uma síntese dos momentos anteriores e, de maneira quase simultânea, colabora para a construção de um discurso que propicia uma leitura sobre o objeto investigado.

Reconhecendo que não há descrição sem interpretação, Cardoso de Oliveira (1998) considera que o conceito de interpretação abarca outros dois conceitos: o de explicação e o de compreensão. Tanto a interpretação explicativa, quanto a compreensiva apresentam uma relação de complementaridade. Explicativa, no sentido de estar "[...] voltada para a identificação de regras e de padrões suscetíveis de um tratamento proposicional" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 101). Compreensiva, por voltar-se "para a apreensão do campo semântico em que se movimenta uma sociedade particular" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 101).

É o que este trabalho se propõe, olhar o sujeito investigado, buscando uma dupla interpretação de um fenômeno complexo e relacional que se coloca no contexto de uma sociedade moderna, mas cujas bases têm por fundamento elementos das sociedades tradicionais. Trata-se, deste modo, de uma análise interpretativa que se pauta na necessidade de apreensão do sentido de deslocamento, posto que elementos da cultura indígena são apropriados de forma conjuntural no contexto de uma sociedade que se fundamenta por

valores modernos. Diante deste desafio, há a consciência de que o papel do pesquisador é ver, ouvir e interpretar.

3 AS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS: A EXPRESSÃO DE SENTIDOS

No intuito de compreender os sentidos das práticas corporais de determinadas etnias indígenas procurou-se embasamentos teóricos em autores que abordam a temática do corpo entre sociedades indígenas. Dentre eles destaca-se Viveiros de Castro (1987) que em sua obra "A fabricação do corpo na sociedade xinguana", assinala que em determinadas sociedades - como as que vivem em aldeias do Alto Xingu - o corpo humano é "fabricado" com base em processos intencionais e periódicos. Essas atitudes que produzem mudanças no corpo - também definidas como práticas corporais - proporcionam outras de posição social e, por conseguinte, de identidade social. A fabricação do corpo é, portanto, intervenção consciente da cultura sobre o corpo humano, construindo a pessoa, modificando sua essência e se manifestando desde a gestualidade, até alterações na forma desse corpo. Por seu turno, "o corpo não é nunca um objeto técnico. Além disso, a utilização de certos segmentos corporais como ferramenta não torna o homem um instrumento" (LE BRETON, 2006, p. 44).

O olhar sociocultural sobre o corpo traz o entendimento de que as semelhanças ou diferenças físicas são frutos de um conjunto de significados que cada sociedade inscreve em seu corpo, ao longo do tempo, "por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca" (DAÓLIO, 1995, p. 39). Na medida em que as diferentes sociedades se expressam, por meio dos corpos de seus membros, esses são vistos como uma construção cultural, pois, onde se manifestam as relações humanas, pode-se reconhecer uma cultura. A cultura estabelece padrões de comportamento, no caso do corpo, desenvolve padrões culturais específicos. Os indivíduos, desde o nascimento, apreendem valores normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural - técnicas corporais - é incorporado ao seu conjunto de expressões.

As técnicas corporais têm recebido diversas contribuições de estudo no campo das Ciências Sociais. Vistas sob o aspecto sociocultural, tais técnicas podem ser entendidas como parte do movimento humano, que engendram, por meio de um gesto criado, sentidos e significações ao passo que são transmitidas e, desta forma, se remetem a necessidades materiais e simbólicas. Com efeito, as técnicas possuem especificidade e tradição, sendo apreendidas por meio de processos educativos próprios de cada cultura e; eficácia, pois auxiliam o homem a solucionar problemas de sua vida ordinária, dando sentido aos movimentos de seu corpo (MAUSS, 2003).

Mauss (2003) contribui com a construção do sentido de técnica corporal, particularmente, ao enumerar uma série de técnicas que são apropriadas pelo "homem total", preconizando uma interpenetração dos aspectos biológico, psicológico e sociológico. Técnicas da infância, da adolescência, da idade adulta, de repouso, de cuidados com o corpo, etc; dentre elas as técnicas do movimento que são utilizadas nos jogos, danças e brincadeiras tradicionais, bem como, no esporte. Nesta direção, afirma que "as técnicas corporais são as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de forma tradicional sabem servir-se de seus corpos" (MAUSS, 2003, p. 401).

O ensino de determinadas técnicas corporais pode revelar o modo de vida de uma sociedade, visto que são suas tradições que condicionam as atitudes individuais. "Para as sociedades indígenas, as formas de transmissão das técnicas corporais [...] transformam o corpo biológico em corpo social e possibilita que a pessoa passe a se identificar em seu grupo e por ele seja identificado" (GRANDO, 2005, p. 167). Nestas sociedades, a transmissão de técnicas corporais é necessária para assumir os papéis sociais conquistados; portanto, "reconhece-se a capacidade da criança de aprender a partir dos jogos e brincadeiras" (GRANDO, 2006, p. 231). Nesse momento, a criança está se apropriando de sua cultura, construindo sua identificação com seus pares e tornando-se únicas nesse contexto. As práticas corporais tradicionais como rituais ocorridos nas aldeias cumprem a função de ensino e aprendizado da maneira de fazer, pensar e sentir que são específicas por sexo e idade em cada etnia.

Entre os Bororo do Mato Grosso, fato interessante ocorre. Nos rituais, as danças são utilizadas como um instrumento de educação do corpo, onde os jovens constroem uma identidade específica. A dança representa uma "prática educativa significativa para a transmissão de valores, de técnicas corporais e dos sentidos e significados que compõem os patrimônios clânicos e as relações entre os clãs na cosmologia Bororo" (GRANDO, 2005, p. 173). Durante a dança, são revividas as histórias e as relações sociais que constituem o grupo e, ao dançar, as pessoas assumem seu lugar na sociedade.

Os jogos, as danças e as brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura contribuindo para a constituição identitária da pessoa indígena. Stahl (2007), com base em um estudo realizado entre povos balcânicos, admite a existência de processos identitários que desembocam em compreensões díspares, como segue:

L'identité à travers la maisnie ou le lignage était donc perçue au niveau du village, c'est-à-dire par ceux qui connaissaient individuellement les personnes composant un hameau ou un village. Au niveau de la tribu ou de la confédération villageoise on ne percevait plus l'identité des gens à travers individuellement. Les autres villages savaient seulement qu'une certaine personne appartient à telle tribu ou telle confédération villageoise. A ce niveau, la connaissance de tous les individus, pratiquement impossible, a imposé l'utilisation d'autres éléments d'identité (STAHL, 2007, p. 300).

Desta forma, pode-se compreender que a construção dos processos identitários varia conforme a inserção ou não do indivíduo em determinado grupo social. Assim sendo, ao ser separado do grupo, o indivíduo redefine seus princípios identitários reportando ao seu grupo de origem.

Nas sociedades indígenas, por seu turno, a construção identitária se dá por meio das práticas corporais, que são bens culturais de

natureza imaterial e expressam valor de referência para cada povo. Tais práticas são constantemente recriadas pelo grupo, que lhes proporciona o sentido de continuidade, tendo como base suas tradições. Portanto, são elementos do patrimônio cultural imaterial entendido como "o repertório de expressões culturais de um grupo social" (Velo, 2004, p. 31). Nesse sentido, compreende-se o enraizamento de determinados valores nas práticas sociais que em sua dinâmica definem a identidade de um povo.

As escolhas por determinadas práticas corporais - jogos, danças e brincadeiras - demonstram o modo de raciocinar de um grupo, definindo suas características morais e intelectuais. Propõem que determinados comportamentos sejam seguidos e contribuindo para a continuidade de uma dada ordem social. "Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido" (DAÓLIO, 1995, p. 42). Portanto, as influências dos princípios e das categorias dos jogos se manifestam fora desse espaço delimitado por um tempo próprio, penetra na vida ordinária das sociedades, colaborando para definir o estilo de diferentes culturas (CAILLOIS, 1994).

4 O JOGO DISJUNTIVO: O CASO DOS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Os Jogos dos Povos Indígenas foram idealizados por dois irmãos indígenas da etnia Terena/MS representantes do Comitê Intertribal de Memória e Ciência Indígena e se configuram como uma ação governamental e intersetorial, visto que é executado pelo Ministério do Esporte e envolve ações dos Ministérios da Cultura, da Justiça e da Educação, além da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional da Saúde (Funasa). Tais instituições representam uma estratégia de consolidação de uma política pública específica destinada aos indígenas por meio da qual se integram práticas corporais sistematizadas por um processo de construção técnica. De acordo com o documento oficial que orienta os Jogos, tem-se como objetivo promover a cidadania indígena, a integração e o

intercâmbio de valores tradicionais, com vistas a incentivar e valorizar as manifestações culturais próprias destes povos (cf. REGULAMENTO GERAL, 1999).

Conforme dados obtidos por meio de observações e relatos orais durante a IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas, nota-se a interface do evento com aspectos políticos e sociais, como o Fórum Social Indígena; econômicos, como a Feira de Artesanato; e culturais como as Demonstrações e as Competições que abarcaram as práticas corporais. As práticas corporais, neste âmbito, possibilitam a interação entre distintas etnias, resultando na apropriação de manifestações culturais, jogos e brincadeiras tradicionais, ritos, danças, pinturas e adornos corporais, bem como do esporte - fenômeno que possibilita a ressignificação das práticas corporais indígenas ao passo que são adotados seus princípios como norte. Esse conjunto de práticas culturais e corporais apresentadas, pelas quais as diversas etnias participantes construíram sua cultura corporal de movimento, faz referência à dinâmica cultural a qual está imerso cada um dos povos indígenas.

4.1 ENTENDENDO OS SENTIDOS DOS JOGOS

Os Jogos - propriamente ditos - se iniciam com um congresso técnico, que busca definir regras técnicas para a estruturação do evento e normas comuns às práticas corporais. Essa atividade serve como apresentação de uma estrutura regulamentada das práticas corporais que são realizadas de maneira competitiva, de acordo com edições anteriores (cf. DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

O primeiro aspecto definido como objeto de análise em relação ao congresso técnico diz respeito ao sentido de normatização, isto é, ao estabelecimento de regras por parte dos organizadores do evento em relação às práticas corporais indígenas. Neste âmbito, cabe o questionamento: em que medida a padronização e o estabelecimento de regras comuns sobre práticas corporais de sociedades indígenas consiste na alteração simbólica do sentido de tais práticas no horizonte semântico do nativo? Com base neste questionamento, faz-se necessário o entendimento do sentido de jogo tradicional (ritualizado)

e do jogo conforme o estabelecimento de regras modernas (esportivizado), posto que entre estes dois fenômenos existem diferenças substantivas.

Tratando dessa temática, Lévi-Strauss (2007, p. 48) explica que o jogo (esportivizado) é "disjuntivo", ou seja, ele resulta de uma divisão entre jogadores, individualmente ou em equipes, que, em princípio, seriam igualitários, mas no final da partida se distinguirão entre vencedores e vencidos. A simetria do jogo (esportivizado) decorre da instituição de regras iguais para ambas as equipes e a assimetria provém dos acontecimentos, dependendo da intenção, da sorte e do talento. No jogo (ritualizado), por seu turno, ocorre o inverso, a assimetria é preconcebida, por exemplo, entre iniciados e não-iniciados e consiste em unir todos do mesmo lado ao final.

O jogo tradicional (ritualizado) apresenta-se de forma simétrica e inversa ao jogo (esportivizado), posto que ele é "conjuntivo". Institui a união ou estabelece uma relação orgânica entre os participantes que foram separados no início e, no final, se confundem com a coletividade. Constitui, com efeito, uma das possibilidades de construção da identidade do grupo, à medida que as práticas corporais nas sociedades indígenas são elementos identitários, representando um simbolismo ímpar.

No evento, as práticas corporais tradicionais passíveis de normatização foram realizadas de maneira competitiva. Por meio dela foi garantida a participação de todos os inscritos, sob regras unificadas. Observou-se que as práticas corporais realizadas da forma levada a efeito no evento envolveram em seu conjunto elementos tradicionais (como as pinturas e adornos corporais) e outros referentes a aspectos modernos (como a regulamentação, a fiscalização e a padronização).

O arco e flecha e a lança, por exemplo, que são instrumentos tradicionalmente utilizados para a caça e a defesa da comunidade na aldeia - que constituem em um conjunto de técnicas corporais específicas de cada grupo ou etnia, ao passo que o sentido atribuído em cada cultura indígena pode ser distinto - nos Jogos, foram apropriados e estruturados conforme uma "modalidade esportiva"

(cf. REGULAMENTO GERAL, 1999), com base em normas que controlavam as ações dos indivíduos, possibilitando a uniformização da técnica corporal e a adoção de um sentido único.

A disputa que envolveu a lança apresentou técnicas diversificadas na realização de seu lançamento, porém com sentido competitivo, o objetivo foi de alcançar a maior distância sobrepujando a marca obtida pelo adversário. O mesmo fato pôde ser observado na canoagem e na natação, assim como nas corridas que, desprovidas de seus elementos originais, assumem outros contornos diferentes daqueles de fuga, de reconhecimento do ambiente natural e de relação com o mundo espiritual (MELATTI, 1976).

Deste modo, a utilização de princípios universalizantes, com base em regras fixas, pode suscitar questionamentos e controvérsias, inclusive, em relação ao objetivo do evento, a saber, o de promover o reconhecimento das manifestações culturais dos povos indígenas (cf. REGULAMENTO GERAL, 1999). Perspectiva em que o reconhecimento implicaria na não utilização de regras fixas e, mais do que isso, em contemplar - no universo das práticas corporais indígenas - os jogos, danças e brincadeiras, conforme seus elementos peculiares.

Com essa compreensão, procurou-se interpretar em que medida a competição contribui para a ressignificação das práticas corporais tradicionais presentes no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas. Para tal, torna-se importante interpretar o significado dos Jogos em relação ao sentido de normatização das práticas corporais tradicionais, sua apropriação e as mudanças culturais proporcionadas. Percebe-se, portanto, a possibilidade de o evento contribuir para o desenvolvimento de um processo de esportivização de práticas corporais tradicionais indígenas e, por conseguinte, para uma possível ressignificação de seus sentidos, hábitos, tradições e costumes de usos dos corpos, imprescindíveis à formação da identidade da pessoa indígena e à diversidade cultural.

O sentido de esportivização diz respeito ao esporte de alto rendimento, que possui princípios básicos, quais sejam, "sobrepujança" e "comparações objetivas" (KUNZ, 2006, p. 22). Esses princípios

trazem como conseqüências os "processos da seleção, da especialização e da instrumentalização", propiciando que as práticas corporais, assim como a organização do espaço físico e os materiais utilizados, sejam cada vez mais normatizados e padronizados.

A análise também se realizou em relação às práticas corporais em que não houve condições de normatização, por serem restritas a determinados grupos, e que se desenvolveram no evento sob forma de demonstração. Dentre as práticas corporais tradicionais demonstradas destacam-se as lutas corporais. A Uka-Uka é praticada pelos povos habitantes do Parque Nacional do Xingu e pelos Bakairi de Mato Grosso. O Iwo, pelos Xavante que estão espalhados por todo o estado do Mato Grosso. O Idjassú é característico do povo Karajá da Ilha do Bananal e a Aipenkuit é exercitada entre os homens do povo Gavião Kyikatejê do estado do Pará. Cada qual possui suas particularidades; entretanto, de modo geral, têm como função preparar o corpo indígena para combates que exigem maior capacidade de destreza e força física. Essas práticas corporais consistem basicamente em uma disputa entre dois lutadores que têm como objetivo desequilibrar e derrubar o oponente.

O Xikunahaty, conhecido como futebol de cabeça, foi outra prática corporal demonstrada ao público pelos Pareci Haliti/MT. Nesse jogo, o objetivo é passar a bola para o campo adversário, usando apenas a cabeça. Essa prática, conforme depoimento de um líder no Documentário IX Jogos Indígenas, possui estreita relação com o mito de origem desse povo. O mito narra como um ser superior orientou o povo Pareci, que saíra da fenda de uma pedra, deveria viver e, em seguida, reuniu todos para jogar com a bola produzida do látex de Mangaba. Esta prática que presume uma explicação mitológica para sua realização é um meio de interação entre o mundo dos espíritos e o mundo real.

Todas as práticas corporais apresentadas nos Jogos dos Povos Indígenas foram realizadas com suas particularidades tradicionais, no entanto, elementos modernos presentes na estrutura e na organização do evento acabou por promover um outro arranjo. Nesse cenário, observou-se a ocorrência de processos interétnicos que

geraram "hibridações". De acordo com o autor a noção de hibridação serve para "[...] designar as misturas interculturais propriamente modernas, entre outras, aquelas geradas pelas integrações dos Estados nacionais, os populismos políticos e as indústrias culturais" (CANCLINI, 2003, p. XXX).

Vale ressaltar que, no tocante a um estudo realizado na IV e na VII edição dos jogos dos povos indígenas, Vinha & Rocha Ferreira (2005) demonstram que, para as lideranças indígenas, a realização dos Jogos permite que a sociedade nacional compreenda melhor as sociedades indígenas, auxiliando na transposição de barreiras historicamente hostis e excludentes entre os não-índios e os indígenas. No entanto tem-se o entendimento - com a análise da IX edição dos Jogos Indígenas - de que esta relação incute o sentido de espetáculo às manifestações culturais. Com essa compreensão, percebe-se que as práticas corporais tradicionais são transformadas em produtos culturais-esportivos que desperta interesse de um público não-índio.

Desse modo, entende-se que o evento permitiu uma ressignificação das práticas corporais indígenas, a partir da relação entre elementos e valores tradicionais e modernos. Nesse processo compreende-se que elementos da tradição não são totalmente abandonados, mas sim, que a estes são incorporados elementos característicos da modernidade. Nota-se, contudo, a presença de condicionantes sociais que podem significar a adoção de um modelo categórico que tende a espetacularizar tais práticas como forma de produzir o inusitado (CANCLINI, 2003).

O fenômeno esportivo possui uma importante colaboração para que as práticas corporais sejam ressignificadas. Atrelado aos interesses mercadológicos, e devido a sua relação com a indústria cultural, dissemina-se pelo mundo influenciando práticas corporais de diferentes grupos de pessoas. O esporte-espetáculo, veiculado pelos meios de comunicação de massa tem penetrado nas diversas comunidades indígenas influenciando suas práticas sociais. Eventos culturais que envolvem o esporte e que se utilizam deste como elemento de interação interétnica, reificam esta tendência.

Deve-se pontuar, contudo, que a espetacularização de determinadas práticas culturais pode ter uma dupla significação. Pode, por um lado, engendrar formas de aproximação e apropriação da cultura indígena por parte dos presentes, e, pode, por outro, contribuir para promover o deslocamento do sentido de determinada prática da cultura corporal de movimento desses povos com base em interesses de um grupo dominante.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS NO CAMPO

O desafio posto foi reconstruir o espaço de apresentação das práticas corporais como lócus de investigação, portanto, como o campo em que a disputa entre grupos se faz presente. Nesse âmbito, a identificação dos elementos constituintes do campo, bem como das representações dos atores sociais foi fundamental para a análise.

A análise do campo possibilita o conhecimento das regras universais. Uma delas é que em cada campo uma luta é travada por grupos com diferentes interesses; um conflito entre os que procuram ter os mesmos direitos e os que tentam mantê-los (grupo dominante). Os objetos de disputa só são percebidos por aqueles que estão preparados a adentrar em determinado campo. Significa dizer que esses atores sociais devem ser dotados de conhecimentos que os façam identificar as leis, os interesses, o funcionamento e a estrutura de um campo em particular. A estrutura de um campo se dá por meio da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na apropriação do capital específico, seja ele econômico, social, cultural ou simbólico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias a serem seguidas (BOURDIEU, 1990).

Na constituição do campo, a estrutura organizacional dos Jogos dos Povos Indígenas - fomenta uma disputa entre diferentes atores sociais, conforme a hierarquia e as funções sociais, que parecem ser consentidas por todos. Indivíduos que ocupavam posições superiores na hierarquia organizacional gozam de prestígio e poder para desempenharem seus papéis eram os idealizadores dos Jogos que possuíam a função de estabelecer as normas gerais e, com isso, delimitar o campo e a ação dos atores envolvidos. Logo abaixo destes

na escala hierárquica se encontravam os executores. Em sua maior parte composta por funcionários dos órgãos governamentais que foram responsáveis por suprir todas as necessidades para a realização deste encontro intercultural. Por serem vinculados a órgãos públicos respeitavam a hierarquia de suas instituições. Em alguns momentos percebeu-se a insatisfação dos executores em relação às orientações dos idealizadores, demonstrando o conflito de interesses entre esses atores dentro do campo. Um exemplo desse conflito ocorreu no estabelecimento de regras para as práticas corporais indígenas, pois ao passo que os executores propuseram alterações, os idealizadores de maneira pragmática não aceitaram.

Em seguida estavam os chefes de comissão. Cada comissão deveria realizar atividades específicas, dentre outras: alimentação, transporte, documentação e esportiva. Esta última elaborou o regulamento que normatizou as práticas corporais tradicionais, bem como fiscalizou seu cumprimento e registrou os resultados. Os indígenas participantes, reconhecidos em suas falas como "competidores", eram representados por lideranças que afirmavam os interesses de sua etnia, mas que em alguns casos, conforme observado em campo, não eram aceitos pelos idealizadores e executores. Faziam ainda parte desta estrutura os voluntários, que prestavam serviços de todas as ordens e; a mídia de diferentes segmentos.

Foi necessário compreender, portanto, que as práticas corporais normatizadas, realizadas por grupos distintos dentro de um mesmo contexto social, possuíam uma relação de interação e conflito, mediadas por distintos interesses. Nessa perspectiva, a análise se deu tanto sobre a estrutura quanto sobre a percepção que se tem dela; pois, "as estruturas mentais através das quais eles [os indivíduos] apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social" (BOURDIEU, 1990, p. 158). O espaço estruturado - palco dos Jogos - não foi analisado separadamente do espaço social no qual estavam inseridos e nem das representações propostas por seus praticantes, pois estes

revelaram um conjunto de práticas e um sistema de valores que decorrem do fenômeno esportivo.

Para tanto, deve-se ter a noção de que o funcionamento deste campo dependeu da existência de objetos de interesses e de disputas, bem como de atores sociais com determinados *habitus*¹ que identificaram e deram legitimidades às leis que conduzem as relações produzidas. Por meio de uma interação entre os atores sociais (indígenas, idealizadores e executores) houve o estabelecimento de trocas sociais e simbólicas, que propiciaram uma redefinição de identidades (indígenas-competidores), baseada na apropriação de costumes e valores tradicionais e modernos (hibridação). Desse modo, o indígena gerou estratégias para satisfazer necessidades e para adaptar-se às exigências e das novas situações. Um sistema de disposições foi adquirido pela aprendizagem promovida pelo contato interétnico que sustenta um sistema de classificação distinto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu neste texto foi apresentar uma leitura da realidade observada na IX edição Jogos dos Povos Indígenas, na qual se procurou compreender os sentidos e o significado da apropriação e ressignificação das práticas corporais tradicionais em um contexto determinado. Neste âmbito, as conclusões que aqui se apresentam não são peremptórias, mas consistem na permissibilidade de construção de um olhar sobre o fenômeno investigado.

Diante do desafio da interpretação, observou-se que as práticas corporais foram configuradas de modo a proporcionar na constituição dos Jogos a competição entre os povos indígenas, instigando a apropriação e a reelaboração das práticas corporais tradicionais, segundo o estabelecimento de regras, ou seja, conforme um modelo de padronização/uniformização. Houve, portanto, a identificação da necessidade da reconfigurar as práticas corporais (regulamento,

¹"Princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas" (BOURDIEU, 2008, p. 162). Isto é, capacidade de produzir, de diferenciar e de apreciar práticas e obras classificáveis.

fiscalização e padronização) por parte dos organizadores do evento. As práticas corporais foram realizadas segundo regras preestabelecidas que estimularam a competição e a sobrepujança. Com esse enfoque, os indígenas representam "competidores", isto é, passam a participar de um jogo disjuntivo, diferente do jogo ritualizado das sociedades tradicionais, que tem para a etnia indígena um sentido e um significado que lhe são próprios.

Ainda há que se ressaltar que o fenômeno estudado suscita, de outra parte, uma dupla interpretação. Esta interpretação dupla está ancorada na conformação dos Jogos, ou seja, na estrutura organizacional apresentada. Como se constatou, a conformação dos Jogos, com base em uma estrutura hierárquica rígida e consentida, expressa um significado importante, à medida que pode ser interpretada como a adoção de padrões culturais tradicionais ou mesmo como suscitou a análise com base em Bourdieu (2008) - um *habitus* - no contexto das disputas entre grupos. Com efeito, os jogos podem ter como significado a possibilidade de reforço da(s) identidade(s) dos grupos/etnias envolvidos(as). Contudo, à proporção que há uma reconstituição das práticas corporais com o sentido de espetacularização, outra interpretação é cabível, posto que a reafirmação da identidade do grupo pode ser comprometida (STAHL, 2007).

Por ocorrer em condições históricas e sociais caracterizadas por desigualdades de poder e de recursos materiais, a análise dos jogos dos povos indígenas levou em consideração as assimetrias entre o sistema econômico, político e cultural dos grupos envolvidos. Nesse ínterim, os processos de hibridação ocorreram em meio às contradições da modernidade, da massificação em escala global de produtos simbólicos e dos conflitos de poder. A estrutura que surgiu com a hibridação evidenciou que modernização e tradição estavam imbricadas, tendo como resultante a resignificação das práticas corporais no sentido da espetacularização.

Bodily practices, senses and meaning: an analysis indians' population games

Abstract: This paper presents an analysis of the meaning of the body practices based on the Indians' population games. In this case, the field work had done to use the observation and interview during the IX edition of the indians' games (Recife/PE - 2007). The discussion was based on the theories of Social Sciences and Physical Education. The conclusion is that: (a) the body practices (games, dances) in the context of the indians' games receives a new meaning because their traditional and modern values have changed; (b) the games became a disjunctive game in the place of being a ritual game.

Key words: Indigenous population. Anthropology, cultural. Play and playthings.

Prácticas corporales, sentido y significado: un análisis de los juegos de pueblos indígenas

Resumen: El trabajo presenta un análisis del significado de las prácticas corporales basado en los Juegos de las Pueblos Indígenas. Con esta intención fue realizada una investigación de campo, usándose como técnicas la observación y la entrevista durante la IX edición (Recife/PE - 2007). La discusión está fundamentada en autores de los campos de la Ciencias Sociales y de la Educación Física. El análisis apunta que: (a) las practicas corporales (juegos, danzas y juguetes) son redimensionadas, con implicaciones en su resignificación con base en la hibridación entre los valores tradicionales y los modernos; (b) los juegos se tornan disyuntivos mientras que ritualizados.

Palabras clave: Población indígena. Antropología cultural. Juegos y implementos del juego.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2003.

BRASÍLIA. Ministério do Esporte. **Regulamento geral**. Brasília: Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 1999.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 53-71, outubro/dezembro de 2010.

CAILLOIS, R. **Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GRANDO, Beleni Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-MT. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 163-179, jul./dez.. 2005.

_____. A educação do corpo nas sociedades indígenas. In: RODRIGUES MULLER, Maria L.; PAIXÃO, L. P. (Org.). **Educação: diferenças e desigualdades**. Cuiabá: UFMT, 2006.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELLATI, J. C. Corrida de toras. **Revista de Atualidade Indígena**, v. 1, n. 1, 38-45, Brasília: Funai, 1976.

STAHL, P. H. Soi-même et les autres. Quelques exemples balkaniques. In: LÉVI-STRAUSS, C. (Org.). **L'identité**. 5. ed. Paris: Quadrige/PUF, 2007.

VINHA, M.; ROCHA FERREIRA, Maria B. Evento Nacional: jogos dos povos indígenas, jogos tradicionais e processo de esportivização In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E PAZ. LONDRINA, 23., 2005. **Anais...** Londrina: Editorial Mídia, 2005. CD Rom

VELOSO, M. Patrimônio imaterial, memória coletiva e espaço público In: TEIXEIRA J.G. et al (Org.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004. p. 31 - 36.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. São Paul: Marco Zero. UFRJ, 1987.

Recebido em: 14.04.2010

Aprovado em: 22.06.2010